POESIAS

VICENTE MESQUITA

Família Simões
1996

CAPA DE HÉLIO MAGALHÃES

Vicente Mesquita

Bancário, Professor e Poeta

Filho de José Ferreira Mesquita e Da. Maria Porcina Mesquita, nasceu em LUMINÁRIAS-MG, no dia 29 de Maio de 1918, na antiga casa da Família localizada atrás da Igreja Velha, onde Luminárias começou.

Fez o curso primário na Escola Pública, tendo sido seu mestre o renomado PROFESSOR ANTÔNIO ROMUALDO FÁBREGAS.

Em 1931, foi estudar em Congonhas do Campo, MG, na Escola Apostólica São Clemente Maria, juvenato ou seminário menor dos Padres Missionários Redentoristas, e lá sempre se distinguiu brilhantemente como primeiro aluno.

Em 1936, deixou o seminário e foi residir na cidade de Oliveira, MG, com seu irmão mais velho, Dr. Rafael Mesquita, médico do Hospital Psiquiátrico daquela cidade. Ali, se inscreveu no concurso para ingresso no Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais. Fez o concurso em Belo Horizonte em dezembro de 1936 e, em março de 1937, foi convocado para trabalhar na agência de Anápolis, Estado de Goiás.

Em 1939, casou-se na cidade de Trindade, em Goiás, com Da. Maria Silva, filha de ilustre família daquela cidade. Em Anápolis trabalhou no Banco até 1943. Naquela cidade, além de bancário, foi dos primeiros professores dos recém-fundados Estabelecimentos de Ensino: Ginásio Municipal Salesiano e Colégio Couto Magalhães.

Em 1943, deixou o Banco, quando foi nomeado professor do Liceu de Goiás, em Goiânia. Mudou-se de Anápolis para aquela Capital, onde passou a residir definitivamente.

Em Goiânia foi professor no Liceu de Goiás, Escola Técnica Federal, Colégio Santo Agostinho, Ateneu Dom Bosco, Escola Técnica de Comércio da Associação Comercial, Escola de Agrimensura, Instituto Brasil Estados Unidos e Faculdade de Filosofia de Goiás.

Como Professor, além de vários cursos de aperfeiçoamento, submeteu-se ao rigoroso exame de inglês da UNIVERSITY OF MICHIGAN que lhe conferiu o CERTIFICATE OF PROFICIENCY IN ENGLISH, equivalente ao curso superior de Inglês das faculdades brasileiras.

Em Maio de 1990, foi agraciado com o TÍTULO HONORÍFICO DE BENFEITOR da Congregação das Irmãs Agostinianas Missionárias, fazendo-o participante de todos os bens espirituais daquela Família Religiosa.

Após 35 anos dedicados à juventude de nossa pátria, aposentou-se com a consciência do dever cumprido.

Desde seus primeiros anos de estudos já amava a POESIA. E em seus momentos de reflexão escrevia, inspirado, belos versos e sonetos dedicados, ora à natureza que ele amava, especialmente a de Luminárias , ora às pessoas de sua família, seus amigos a quem sempre dedicou profunda e sincera amizade. Profundamente humano e sensível, aliado à profissão que tanto amava, SER PROFESSOR, especialmente da nossa Língua deixou um valioso acervo, verdadeiras pérolas de nossa Língua. E como dominava fluentemente a

Língua Latina, escreveu também versos em Latim. Muita coisa se perdeu. E o que conseguimos ter em mãos, com carinho, compilamos e reunimos num só opúsculo com a intenção de repassar a todos, especialmente aos Luminarenses, seus conterrâneos, para nós tão grande preciosidade, de valor inestimável, exemplo para a posteridade de nossa terra, a terra que ele tanto AMA.

Ao meu grande amigo, ao "teimoso apaixonado" de Luminárias, uma homenagem de seu admirador,

Pe. Waldyr Henrique Mancini
Luminárias, Festa da Padroeira, N.S. do Carmo - 1995.

HINO DA CIDADE DE LUMINÁRIAS - MG

Letra: Prof. Vicente Mesquita - Mus. Prof. Gil José Furtado

Entre as jóias da terra mineira
Nas montanhas azuis engastadas,
Tu encantas, serrana altaneira,
Mais que os reinos dos contos de fadas.

LUMINARIAS, Ó TERRA QUERIDA,
DENTRE TODAS TU ÉS A PRINCESA,
PEQUENINA FORMOSA, GARRIDA,
DELICADA, GENTIL CAMPONESA.

Reclinada entre verdes pastagens
E fecundas searas luzidas,
Tens o enleio das doces miragens
Dos oásis de várzeas floridas.

Em esplêndido berço deitada,
Tu contemplas o céu sempre azul;
Adormeces, sonhando, afagada
Sob a luz do cruzeiro do sul.

Na escultura divina dos montes,
Cinzelados de sulcos suaves,
Brotam gárrulas, límpidas fontes,
Surgem bosques, abrigo das aves.

Pelos vales os fios de anil,
Murmurando marulhos de amor,
Vão traçando o formoso perfil
Da paisagem de raro esplendor.

Se teus filhos te fogem dos braços
Noutras plagas buscando aventura,
Jamais podem romper os teus laços
que os envolvem de amor e ternura.

Como as aves do bosque encantado
Que, ao morrer, vão-lhe a sombra buscar,
Quando um filho voltar alquebrado,
Em teus braços o deixa expirar.

***P.S. Este é o HINO OFICIAL DE LUMINÁRIAS.
É tocado pela Banda de Música, e cantado
pelo povo no DIA DO MUNICIPIO.
A música é produção de um outro ilustre
Luminarense: Prof. GIL JOSÉ FURTADO.
Composto a pedido do Páraco de Luminárias
Pe. Waldyr Henrique Mancini, em 1979.***

SALVE, NATURA !

Vicente Mesquita

Salve! divina natura,
Sacra, virginea, pura,
Tu es formosa, venusta,
Excelsa, supera, augusta.

Adoro tuas auroras,
Fulgidas, puchras, canoras,
Rutilas, claras, serenas,
Jucundas, leves, amoenas.

Amo suaves, olentes,
Tenues flores fulgentes,
Rosas festivas, solennes,
Divas hortenses perennes.

Canto diurnos labores,
Castos, insontes amores,
Rubros fulgores solares,
Tristes pallores lunares.

Campos celebro fecundos,
Vastos oceanos profundos,
Montes sublimes, ingentes,
Pias, pacificas gentes.

Hymnos decanta, Camena,
Consona, rustica avena,
Eia! poeta, murmura:
- Salve! divina natura.

Estes versos podem ser lidos em LATIM e PORTUGUÊS.
Feitos por mim em 1952.

N.B. - Apenas mudar a grafia de algumas palavras,
para torná-las portuguesas.

SALVE, MARIA !

Vicente Mesquita

Salve! Maria Sanctissima,
Casta, superna, formosa,
Terrestres servos protege,
Mater pia, gloriosa.

Harpas, avenas congrega,
Hymnos suaves inspira,
Famulos tristes anima,
Augusta, canora Lyra.

Improbas mentes converte,
Animos puros robora,
Tuas familias defende,
Dotes divinos exora.

Pugnas, procellas funestas,
Igneas torturas evita,
Glorias aeternas indica,
Sacros amores suscita.

Portas caelestes expande,
Caelicas sedes revela,
Sanctas cohortes conclama,
Excelsa Maria bella.

Esta poesia pode ser lida em LATIM e PORTUGUÊS.
Feita por mim em abril de 1953. Concorri com estes versos num concurso para o hino mariano do centenário das congregações marianas. Meu pseudônimo foi CORRÊA DE ARZAN.

N.B. - Apenas mudar a grafia de algumas palavras,
para torná-las portuguesas.

PALAVRA

Vicente Mesquita

Ridente sol na limpidez da aurora,
Flamante raio que os espaços fende,
Arco-íris belo que no céu se estende,
Pincel divino que o crepúsc'lo cora,

Mãe! que nos lábios da criança aflora,
Amor! se a caridade ao pobre atende,
Perdão! quando abraçamos quem ofende,
Dor! quando o coração ferido chora,

Gota de chuva que umedece a terra,
Polar estrela que o caminho indica,
Perla puríssima que a concha encerra,

Semente bíblica que frutifica:
Palavra! que ora os lábios meus descerra,
Ela é tudo o que nestes versos fica!

21/05/53

MARIA ANTÔNIA

Vicente Mesquita

De velho tronco ó linda flor nascida,
Tu és o lírio puro, imaculado,
Encanto de teu lar, jardim sagrado,
Onde a virtude foi buscar guarida.

Qual a Moisés a terra prometida,
O Infante a Simeão, tão almejado,
Tal filha foste ao genitor amado,
Que te gerou quase ao deixar a vida.

És elo vivo que entre a vida e a morte,
És faixa ardente que entre a noite e o dia
O Onipotente reservou por sorte.

Quando nasceste, o coração pungia
Do pai velhinho, mas um bravo, um forte,
Que, em versos ao cantar-te, então sorria.

maio/53

Soneto dedicado à minha aluna Maria Antônia Jacinto, cujo pai, aos 70 anos, escreveu, 18 dias antes de morrer, um soneto dedicado a ela, quando tinha apenas um mês de idade.

SAUDADE

Vicente Mesquita

Oh! quanta vez minha alma se inebria,
Quando o passado ao pensamento vem!
Um vulto surge, indefinido, alguém,
Trazendo cores, música, alegria.

Mas, quanta vez, numa paixão sombria,
Um ai distante que partiu do além,
Um rosto vago que eu não sei de quem
A soluçar me leva à tumba fria!

Em evocando as cenas do passado,
As mortas ilusões da mocidade
E tudo o que sentir já me foi dado,

De revelar, então, tenho vontade
O doce riso e o pranto amargurado
Que, entrelaçados, trazem-me saudade!

11/11/53

O CORAÇÃO

Vicente Mesquita

Rolando alegres ao rochedo erguido
No pedestal azul do imenso mar,
Brilhantes ondas vão febris levar
Todo o prazer na imensidão vivido.

Mas, quando o mar pelo tufão movido
Na pedra rija as vagas vai quebrar,
A rocha põe-se muda a contemplar
Todo o sofrer na vastidão contido.

Se a vaga no penedo se desfaz,
Sem receber do peito de granito
Uma acolhida a seu viver fugaz,

No coração humano um infinito
Existe p'ra acolher o amor e a paz
E acalentar do sofrimento o grito.

11/12/53

ILUSÃO

Vicente Mesquita

Ao matinal acorde doce e insonte
Da passarada, quando o sol nascente
A meiga luz sobre o jardim dormente
Derrama da orla rubra do horizonte,

Verde roseira, levantando a fronte,
Entreabre a rosa pura resplendente,
O cálice ofertando a Febo ardente,
Da vida autor, da luz celeste fonte.

Ao vê-la, meiga brisa embevecida
Beijá-la vem. A linda flor se abala!
Desfolha-se! e por terra cai sem vida!

Toda a ilusão que o coração embala
É como a rosa em doce luz nascida:
Desfaz-se às mãos de quem tentar tocá-la!

dezembro/53

A MULTIDÃO INSENSATA

Vicente Mesquita

Ao palácio esplendoroso
De um senhor oriental
É levado um criminoso
Que do rei falara mal.

No oriente a sapiência
Apanágio foi dos reis,
Governavam com prudência
E ditavam sábias leis.

Diz o réu a seu senhor:
- "Pelas ruas da cidade,
Entre o povo, há só clamor
Contra Vossa Majestade!"

- " Muito bem! meu caro amigo
(Diz o rei ao acusado),
Em vez de teres castigo,
Estás por mim perdoado."

Mandou trazer-lhe um jumento,
E ordenou-lhe que partisse.
Oh! terrível escarmento!
Ninguém houve que não risse.

Pois, nas ruas e avenidas,
Cavalgando o homenzarrão,
Suas pernas mui compridas
Se arrastavam pelo chão.

Alguém disse: - "Que malvado!
Maltratando o pobrezinho!"
Então, ele envergonhado
Apeou do animalzinho.

Para diante ia puxando
Seu minúsculo presente,
Quando um grupo ouviu falando:
- "Um burro atrás e outro à frente!"

Desejoso de agradar,
Não sabendo o que fazer,
Pôs-se, pois, a carregar
Seu jumento, e com prazer!

O burrico conduzindo,
Não andara inda dois passos,
Disse alguém, zombando e rindo:
- "Este mundo é dos palhaços!"

De seu ato envergonhado,
Quis o burro abandonar;
Mas alguém gritou de lado:
- "Olha! O ingrato o vai deixar!"

Ele, enfim, pôs-se a pensar
Que seu rei tinha razão,
Que é difícil contentar
A insensata multidão.

A JESUS HÓSTIA

Vicente Mesquita

Glória a Cristo cantemos ovantes,
Na pureza da Hóstia sem par,
Nós viemos dos vários quadrantes
Homenagens a Ela prestar.

Estribilho:
Hóstia pura, divino alimento,
Pão celeste, dos anjos manjar,
Sois na terra o maior Sacramento
Que o bondoso Jesus nos quis dar.

Das estrelas peçamos a luz,
Dos espaços vibrantes o hino,
E ofertemos ao meigo Jesus,
Sobre o altar do Cordeiro Divino.

Da candura das neves polares
Ao verdor das regiões tropicais,
Onde quer que se elevem altares,
Vós presente, ó Jesus, sempre estais.

Dominastes o Olimpo e seus divos,
Dos romanos senhor vos fizestes,
Mas no Pão o maior dos cativos
Ser na terra, ó Jesus, vós quisestes.

No Tabor a grandeza mostrastes,
Revestido de glória e fulgor,
No milagre do altar ocultastes
Majestade, beleza, esplendor.

Nos trovões vossa voz nós ouvimos,
Nas procelas os mares volveis,
No sacrário a bondade sentimos
Do mais brando de todos os reis.

De alguns pães vós fizestes milhares,
Água em vinho foi feita em Caná,
Vós em pão vos tornais nos altares,
Para aos homens servir de maná.

Vós que os mortos erguestes, Jesus,
E curados os cegos fizestes,
Aos pagãos dai que vejam a luz
Que os dirija às paragens celestes.

Como outrora os barqueiros no mar,
Nós clamamos transidos de horror:
- "Vossa nau não deixeis naufragar,
Venha o reino da paz e do amor."

Concorri com estes versos no concurso para o hino oficial
do Congresso Eucarístico Internacional que se realizou no
Rio em 1954. Meu pseudônimo foi Corrêa d'Arzan.

O ÚLTIMO DESEJO

Vicente Mesquita

Na cela pobre, ouvia-se o gemido
De um frade moribundo, o costureiro,
Humilde, puro, santo verdadeiro,
Que da clausura a cruz tinha escolhido.

Dos tesouros de Deus enriquecido,
Ao terminar o terrenal roteiro,
Um só pedido faz, o derradeiro:
"Trazei-me a amiga com que eu hei vivido!"

Nas mãos lhe põe um frade benfazejo
A agulha, companheira de refrega,
Buscando interpretar o seu desejo.

E, quando a sente, todo o esforço emprega,
E a leva aos lábios; num pungente beijo,
Nas mãos de Deus sua alma santa entrega!

1955

MINHAS FILHAS

Vicente Mesquita

Dos sonhos para o mundo conduzidas,
São três florinhas belas, sorridentes,
Brotadas sob o sol de raios quentes
Que rutilou no amor de duas vidas.

São como as estrelinhas três queridas
Das noites claras, lúcidas, nitentes,
Exuberantes lâmpadas ardentes,
Que Deus no firmamento pôs unidas.

Não achareis maior fulgor divino
Nas infinitas vastidões astrais
Que na afeição de um lar tão pequenino.

Mais digno vaso não vereis jamais,
De rica prata ou de alabastro fino,
Que o coração dos extremosos pais.

24/10/55

CONSUELO

Vicente Mesquita

Os céus lustrei, fui encontrar na aurora,
Nas cores mil de seu formoso manto,
O altar divino do mais doce encanto,
Onde feliz o teu sorriso mora.

Busquei nos prados pela terra em fora
Mimosa flor de encantamento tanto
Que refletisse teu semblante santo,
E achei o lírio que à pureza adora.

À Grécia fui de Fídias implorar
O dom de artista do imortal cinzel,
P'ra consagrar-te em duradouro altar;

Matizes fui pedir a Rafael,
E triste retornei, por só achar
Um lápis e uma folha de papel.

Dedicado à Consuelo de Paiva Godinho Costa
que me homenageou com seus lindos versos.

Outubro de 92

PORTÃO DE PEDRA

Vicente Mesquita

Pelo gume das águas entalhado
No paredão da rocha primitiva,
Eis o portão que em nossa mente aviva
O prélio de titãs ali travado.

Agora, Prometeu aprisionado
No contraforte da montanha altiva,
Pelas farpas da chuva corrosiva
Aos poucos se desfaz dilacerado.

Por séculos e séculos viveu
Seu mito de mistério e de grandeza,
Cercado de silêncio e solidão.

O ser humano enfim o conheceu!
Quedou-se ante o lavor da natureza,
Louvando a Deus, Senhor da criação.

12/03/86.

UTOPIA

Vicente Mesquita

Sempre o sonho acalentei
De viver em liberdade,
Com pureza e sem maldade,
Sem ser escravo nem rei,
De ver as portas abertas,
As prisões sempre desertas,
Sem magistrado e sem lei.

Ah! como eu queria agora
Correr pela serra em fora
Atrás da brisa fugaz
E lá ao longe alcançá-la,
Onde o eco nas rochas fala
E o corvo seu ninho faz!

Quisera amar como as flores,
Entre perfumes e cores,
Livres de humanas censuras,
De néctar inebriadas,
Sobre a ramagem pousadas,
Gerando as frutas futuras.

Ah! se me desse o bom Deus
As asas dos passarinhos,
A carícia de seus ninhos
E os doces trinados seus,
Pelas terras voaria,
Levando paz, alegria
E todos os versos meus!

Como o arroio a murmurar,
Pela encosta deslizando,
Chega ao penhasco e, saltando,
Vai no poço mergulhar,
Assim queria na vida,
Sem tropeços na corrida,
A meu remanso chegar.

Mas a vida que eu queria
Será sempre uma utopia,
No presente e no porvir,
Pois a dor, a chaga e a morte
Serão de todos a sorte,
Enquanto o mundo existir!

25/01/86

IGREJA VELHA

Vicente Mesquita

Em ruína o teto, a nave combalida,
Ao embate dos tempos desgastantes
E ante a fúria dos ventos ululantes,
Ainda assim resistes, velha ermida!

Ah! hei de ver-te um dia renascida,
Com dias gloriosos, triunfantes,
E os sinos de alvoradas retumbantes
A repicar na torre emudecida.

Eu transporei os teus umbrais queridos,
De ternas, infantis recordações,
E então reviverei os tempos idos:

- Os batismos, as crismas e as missões
E, ainda a ressoar em meus ouvidos,
Os terços, ladainhas e leilões.

1985.

CRUZEIRO DE LUMINÁRIAS

In hoc signo vinces!

Vicente Mesquita

No cimo da serra, onde o sol doura primeiro,
Da bruma esvaecendo as espessas cortinas,
Fizeste teu altar, ó secular cruzeiro,
Para guardar teu povo e a fervorosa Minas.

Quando, à noite, o luar em teus braços resplende
E as estrelas do céu se incendeiam de luz,
No coração devoto um luzeiro se acende,
Como vivo fanal que até Deus o conduz.

Da mata virgem foi teu tronco retirado,
No píncaro escolhido o povo te elevou.
Foste dos raios ante a fúria estilhaçado,
Mas a invencível fé dos teus te renovou.

Hoje, sobrepairando a formosa cidade,
Na tua rigidez de ferro e de cimento
Tu podes arrostar raios e tempestade,
Sem que te abales mais ante o furor do vento.

N.B. - Em seu lugar foi erigida
a estátua de Cristo Redentor.

14/07/84

À MINHA MÃE

Vicente Mesquita

(No seu nonagésimo aniversário)

Te Deum laudamus!

Mais um facho de luz rebrilha em tua estrada,
Onde ao longe lucila o que ergueste na aurora
De tua vida, que ao ocaso desce agora,
Como Vésper no céu ao por-se iluminada.

Houve reta suave e fragosa escalada.
Rouco é hoje o soar da voz que foi sonora.
Quanta ruga a sulcar a bela tez de outrora!
Quantas cruzes plantaste ao correr da jornada!

Pela amorável mão que nos acarinhou,
Pelo arroubo de amor com que o seio nos deste,
Pela angústia vivida em momentos de dor,

Pela vida que Deus tão longa te doou,
Outrossim pelo bem que ao próximo fizeste,
Nós, teus filhos, mamãe, louvamos o senhor.

Dezembro/83

O CHAFARIZ

Vicente Mesquita

Da velha igreja posto de vigia,
Altivo monumento do passado,
Tornou-te do tempo, chafariz amado,
Sacrário de saudade e nostalgia.

O braço forte que te ergueu um dia
Nós vemos em teu vulto retratado,
E o vigor de teu povo, figurado
Na compleição de tua alvenaria.

A teus pés a alegria desfilou
Nos acordes da banda que passava,
Nos noivos que desciam para o altar.

A lágrima também teu chão regou,
Quando, ao dobrar dos sinos, caminhava
O fúnebre cortejo devagar.

Fevereiro/83.

DEVANEIO

Vicente Mesquita

Assustadiça a juriti trigueira,
Na solidão da estrada o grão buscando,
O rasto delicado vai bordando
No repisado chão de fina poeira.

Pesados passos seguem-na ligeira
E vão na terra fofa assinalando
As rudes marcas do sofrer infando
De quem andou descalço a vida inteira.

Batendo as asas, ela então procura
Na espessa fronde que sussurra ao vento
O azado abrigo, a proteção segura.

Ao vê-la alçar-se, alado em pensamento,
Foge ele ao chão de abrolhos e de agrura
E vai pisar no azul de firmamento.

Dedicado ao lavrador de Luminárias
que no meu tempo de criança andava
descalço.

Dez./80

DESILUSÃO

Vicente Mesquita

Na encosta da montanha verdejante
Em que repousa o flavo sol nascente,
As nuvens alvas voam lentamente,
Cobrindo-a com seu pálio amenizante.

Quando estruge a tormenta trovejante,
Brandindo os ares com fragor ingente,
Rolam águas em borbotão fremente,
Rasgando o chão com seu furor gigante.

Ante a natura que se fez em fera,
A encosta que aos milênios resistiu
Esboroa-se em abissal cratera.

Assim do alvor da vida, em que sorriu
O sol da fantasia, hoje é quimera
O sonho que aos reveses sucumbiu.

28/11/79

O TICO-TICO-DO-CAMPO

Vicente Mesquita

Homenagem aos lavradores de Luminarias cujo suor derramado
no amanho da terra se sublima no canto melancólico do tico-tico-do-campo.

Ali, à margem da estrada,
Nos campos da terra amada,
Onde o sol flamante brilha
Na areia da velha trilha,
Onde, à noite, o pirilampo
Em vôo rasante vagueia,
Na verde relva gorjeia
O tico-tico-do campo.

Seu canto, solo tristonho
De ruda flauta dolente,
Pércutindo o espaço quente
Da manhã ensolarada,
São compassos de beleza
Penetrando a profundeza
Da etérea concha azulada.

Foi, por certo, um querubim
Que, soando seu flautim,
Desceu do coro celeste,
E Deus o fez ave agreste,
Impôs-lhe parda plumagem,
Ocultando-o na pastagem.

Ele, um dia, triste viu
Sua irmã perdiz ferida,
Por flecha do índio atingida;
Ouviu os passos na terra
Das bandeiras avançando;
Cantou p'ra o Negro chorando,
Ao fazer muros na serra.

31/07/79

Para! Põe a enxada em pé
Tu que a levas sobre os ombros
Nas estradas solitárias
Da risonha Luminárias.

Ouve e põe-te a meditar:
Não é tua alma que canta
Na pequenina garganta
Daquela humilde avezinha?
Não são teus risos de criança,
Os teus murmúrios de amor
E teus soluços de dor?

Quando teu corpo se inclina,
No labor que te enobrece,
Ele aos céus seu peito empina,
Cantando por tua messe.
Se, em voz tão doce e sonora,
Tua alma súplice implora,
Deus ouvirá sua prece.

Mas, se a nefanda queimada,
Tisnando a verde campina,
Devasta sua morada
E sua prole extermina,
Seu canto é brado de alerta
À geração suicida:
- Farás a terra deserta,
Sem ar, sem água e sem vida!

CONSTÂNCIA

Vicente Mesquita

A água que te acalma a sede ardente
E tuas mãos ablui da mancha impura,
Como ácido que roi, ela perfura
A rocha, quando em fluxo permanente.

A brisa amena, leve, transparente,
Que respiras repleta de doçura,
Tudo, ao soprar constante, ela tritura,
Qual moinho que em pó torna a semente.

Quando esta força infensa e corrosiva
Se torna propulsora e construtiva,
Progresso traz, fazendo a pátria rica.

E sendo a suma força a fala humana,
Do sábio a voz excelsa atroa ufana,
E clama, e prega, e ensina... e algo fica.

10/03/79

A MÚMIA

Vicente Mesquita

Vaidade das vaidades e tudo é vaidade.
(Eclesiastes)

Do túmulo há milênios encerrada,
Em bálsamos e faixas envolvida,
A múmia surge seca, enegrecida,
Fim da imortalidade tão sonhada.

Por hábeis mãos a carne esquadrinhada
Revela o mal que lhe roubou a vida:
Existe areia nos pulmões retida
E o negro da fuligem inalada.

Quem? Príncipe ou senhor de caravana?
Ancião ou jovem no vigor da idade?
A glória perseguiu na luta insana?

Ante a morte o seduz a eternidade,
Buscando-a na delével arte humana.
Vaidade das vaidades, só vaidade!

16/02/79

SINHÔ

Vicente Mesquita

No leito o vejo, a fronte encanecida,
Marca dos anos de labor ingente,
Do alvorecer até o sol poente,
Apanágio de sua honrada vida.

A música foi-lhe a arte preferida,
Inebriando de sons a nossa gente;
Da nova geração foi ele o lente,
Formando a banda jovem tão querida.

Semi-surdo não ouve mais agora
Os doces sons da banda a desfilar
Nem o chilrar dos pássaros que amou.

Já não mais vê a luz que os céus colora
Nem a brilhante estrela a cintilar;
A luz da fé, porém, não se apagou.

Sinhô, (Messias Furtado Sobrinho)
Maestro da Banda de Música de
Luminárias.

1991

Da. NÉZIA

Vicente Mesquita

No dorso negro do corcel fremente,
Brandindo o alfanje, o mouro à luta avança,
Saciando em sangue a sede de matança,
Fabril herança do deserto ardente.

No oásis, longe do areão fervente,
Tranquilo, à sombra, um árabe descansa.
Oh! quanta paz naquela fronte mansa!
Coração nobre que no olhar se sente.

Em teu semblante eu vejo, ó dama nobre,
A alma do mouro em fúria incendiada,
Que teu sorriso cativante encobre.

Mas vejo em ti também acobertada,
Nos olhos negros e na tez de cobre,
Do árabe meigo essa figura amada.

"In memoriam" de Da. Nézia Murad,
matriarca de ilustre família luminarense.

HONRA AO MESTRE

Vicente Mesquita

Ali vivia o sábio professor
Em modesta vivenda secular;
Jamais se viu um mais ditoso lar
Em que reinassem tanta paz e amor.

Honrado e modelar educador,
Afável, eloquente ao discursar,
Pobre, mas, na riqueza de ensinar,
Do ouro das letras fez-me detentor.

Do mestre o doce lar que o abrigou
Não mais existe, e ali tetos diversos,
Encobrindo o passado, agora estão.

O alfabeto, que um dia me ensinou,
Ufano lhe consagro nestes versos,
Como penhor de eterna gratidão.

In memoriam do Prof.
Frábegas que me ensinou
as primeiras letras.

AO CARTEIRO

Vicente Mesquita

Sem que jamais errasse o seu roteiro,
Rasgando os céus ao despontar do dia
E vindo à tarde, quando a luz fugia,
Foi o pombo o primeiro mensageiro.

Levando à Arca o ramo alvissareiro,
De Noé se enche o peito de alegria;
E no Jordão o Espírito anuncia
Do Pai o amado Filho verdadeiro.

Transpondo cordilheiras e desertos,
Fugindo aos implacáveis predadores,
Sempre atingiu os seus destinos certos.

O progresso baniu seus portadores,
Trocando as asas pelos pés espertos
De andarilhos carteiros sofredores.

Homenagem ao Hélio
Silva Júnior, agente
dos Correios em
Luminárias.

24/11/90

BODAS DE OURO

Vicente Mesquita

Ouve, querida, o que direi agora:
Neste áureo jubileu que se inicia,
Convertamos em néctar de alegria
O fel haurido pela vida em fora.

Irei buscar no resplendor da aurora
As cores que te adornem neste dia;
Às aves pedirei a melodia,
Para cantar-te uma canção sonora.

Caminharei pelos jardins do mundo
À procura das pétalas mais belas,
Para cingir-te a fronte sem labéu.

Como penhor de meu amor profundo,
Ofertar-te-ei todo o colar de estrelas
Da via-láctea que Deus pôs no céu.

Homenagem a minha esposa
que, há meio século, vem
compartilhando minhas alegrias
e tristezas.

Goiânia, 21/07/89

O LAVRADOR E O CRUZEIRINHO

Vicente Mesquita

Já vai fugindo a noite e chega o dia,
As estrelas se vão no céu distante,
O sol desponta flâmeo, deslumbrante,
E do arvoredo as frondes alumia.

A névoa que no vale então dormia,
No regaço da relva verdejante,
A serra vai buscando num instante,
E aos píncaros se eleva fugidia.

Em baixo surge alguém subindo a estrada,
A encosta a pique não lhe muda o passo,
Curvado embora ao peso de uma enxada.

Chegando ao topo sem mostrar cansaço,
Descobre-se ante a velha cruz amada
E, em prece, move os lábios e ergue o braço.

Homenagem ao extinto cruzeirinho
e aos irmãos Juca e Abigail que
diariamente percorrem aquele
caminho rumo à Barra.

08/04/89

EXPRESSÃO

Vicente Mesquita

Da montanha no coração nascida,
Alegre jorra a fonte borbulhante
E lesta vai rolando cintilante
Sobre seixos e areia colorida.

Das águas afluentes acrescida,
Sulcando férteis terras a jusante,
Às margens lança o humo fecundante,
À espera da semente apetecida.

E, quando encontra o paredão à frente,
Em fúria avança e rasga a penedia,
Arrojando-se em catadupa ingente.

Como a fonte, a palavra humana um dia
Nasce e flui inflamada ou mansamente,
Em oratória, em prece, em poesia.

09/02/79

MINHA TERRA, MINHA GENTE

Vicente Mesquita

Dedicada aos lavradores de Luminárias,
obreiros humildes e construtores da riqueza do Brasil.

Como és bela, minha terra,
Luminárias pequenina,
Deitada à beira da serra
Numa aprazível colina.

Na minha infância adorada,
Meus belos sonhos nasceram.
Foram teus dedos de fada
Que a todos eles teceram.

Tuas fontes de riqueza,
As pedras e os cafezais,
Concorrem para a grandeza
Da altiva Minas Gerais.

Nas encostas e planuras
Pasta a rês de fina raça,
Bebendo das águas puras,
Longe da impura fumaça.

Do dia ao leve sinal
Teu filho logo desperta,
E, levando seu bornal,
Percorre a estrada deserta.

Desce morros, sobe a serra,
No rio a ponte atravessa.
Pega a enxada, lavra a terra.
O árduo dia então começa.

Quando a tarde vai chegando,
Com seu rosto empoeirado
A seu lar vem retornando
Lento, com fome, cansado.

Esta cena é repetida
O ano todo, a vida inteira,
Narrando a história sofrida
Da simples gente mineira.

Seu trabalho, sua luta
Não foram, porém, em vão.
Do café vingou a fruta,
Na lavoura deu o grão.

Desponta a lua tristonha,
Ela adormece, ela sonha,
Deitada à beira da serra,
Luminárias, minha terra.

LUZ E AMOR

Vicente Mesquita

Quando Deus os céus criou,
Estendeu as mãos benditas,
E mil astros espalhou
Sobre as plagas infinitas.

E na palma só deixou
Uma estrela pequenina;
Foi a terra que ficou
Na formosa mão divina.

A Suprema Sapiência,
No esplendor da inspiração,
Deu aos astros a fulgência,
Deu à terra o coração.

Quando, então, o céu fulgura,
Inundado de esplendor,
Brilha mais na terra escura
A divina luz do amor.

Quando a luz dos astros desce
Sobre a terra enlanguescida,
A candura de uma prece
Sobe aos céus resplandecida.

Novembro/55

MUSA

Vicente Mesquita

Musa divina, onde estás?
Onde escondeste teus dons?
Talvez na brisa fugaz?
Talvez na fuga dos sons?

Na doce luz do arrebol
Vejo teu manto dourado.
Foges no carro do sol
Por este céu azulado!

Busco encontrar-te à tardinha,
Lá na fimbria do poente,
Mas te escondes, ó rainha,
Sob um pálio resplendente.

Quero, na alcova do céu,
Espreitar-te em teus amores;
Vem a noite, estende o véu
Salpicado de esplendores.

Contemplo os celestes círios,
Olho a meiga, argêntea lua,
E em arroubos e delírios
Cuido ver a face tua.

20/11/55

VOZ DA CAMPA

Vicente Mesquita

Aqui me vês, no horrendo altar da morte,
À deusa atroz a vítima ofertada.
Olha os despojos, essa triste ossada,
O que restou de um corpo altivo e forte.

As Parcas implacáveis esta sorte
Teceram-me na roca malfadada!
O sonho de uma vida tão amada
Cortou-me o sanguinário deus Mavorte!

E no silêncio desta campa, agora,
Da brisa amiga eu ouço a voz somente
Que os ecos traz-me dos clarins de outrora.

Não peço flores nem candela ardente.
Minha alma apenas uma prece implora
Que iluminá-la possa eternamente.

02/11/55

ORIONTE

Vicente Mesquita

Orionte belo, ó bravo caçador,
Miragem mítica do audaz gigante,
Que a deusa transformou, no céu distante,
Em flébeis círios de eternal fulgor.

Visão cristã dos Magos do Senhor,
Celeste caravana cintilante,
Que aponta a rota eterna, fulgurante,
Ao tresmalhado, incerto viajor.

És sigla pulcra de formosa Santa,
Que Deus traçou de luz e de fulgência
Na noite clara que os mortais encanta.

És arte, verso, música, eloquência;
És todo o sonho que em minha alma implanta
A tua esplendorosa reticência.

30/10/55

DESPEDIDA

Vicente Mesquita

Volvei-me um derradeiro olhar amigo,
Vós, aves, que outras plagas demandais;
Aqui, talvez, não voltareis jamais
Aos verdes ramos deste amado abrigo.

Finíssimos frouxéis guardei comigo
Nos doces ninhos que ora abandonais,
O tempo hostil, porém, e os vendavais
Meu rico espólio levarão consigo.

E agora que é chegada a despedida,
Deixai nos ares uma só canção
Que soe eternamente em minha vida.

E minhas flores não as beije o chão!
Colhei-as todas na ânfora querida
De vossa imorredura gratidão.

31/10/55

Lido no final do discurso de formatura das alunas
do Colégio Santo Agostinho, das quais fui paraninfo.